

088

USO DA MARCA DE 1ª. PESSOA DO PLURAL NA FALA DO RIO GRANDE DO SUL. *Karine Quadros da Silva, Anelise Riva e Ana Maria Stahl Zilles* (Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária – Instituto de Letras – UFRGS)

Este trabalho investiga o uso da desinência verbal de 1ª. pessoa do plural nos dados do Projeto Varsul, oriundos de quatro comunidades do Rio Grande do Sul: Porto Alegre (capital), Panambi (zona de colonização alemã), São Borja (zona de fronteira com a Argentina) e Flores da Cunha (zona de colonização italiana). Considerando a quase categórica ausência de marca de pessoa no verbo quando o sujeito é ‘a gente’, pelo menos nas amostras do Varsul já estudadas, neste trabalho discutimos apenas as ocorrências verbais ligadas ao pronome ‘nós’. Investigamos quais são os contextos que ainda favorecem a marcação de pessoa no verbo. As hipóteses discutidas são as seguintes: a) quanto mais alta é a escolaridade, maior é a probabilidade de uso da marca de pessoa; b) as mulheres favorecem mais a marca de pessoa do que os homens; c) os mais velhos favorecem mais a marca de pessoa do que os mais jovens; d) a ausência de marca só é favorecida quando a forma verbal alvo é proparoxítona; e) as comunidades bilíngües favorecem mais a marca de pessoa. As variantes analisadas são presença *versus* ausência da marca de pessoa. A amostra inclui 111 entrevistas do banco de dados VARSUL subdivididas em dois gêneros (homens e mulheres); duas faixas etárias (mais de 50 e menos de 50 anos); três níveis de escolaridade (primário, ginásio e segundo grau) e as quatro comunidades de fala acima mencionadas. As variáveis linguísticas investigadas são: posição da sílaba tônica, tempo verbal, preenchimento do sujeito, estrutura do SV, posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de referência e contexto pergunta-resposta. A pesquisa segue a metodologia quantitativa da sociolinguística variacionista. Alguns resultados preliminares mostram o seguinte: a) alto índice de presença da marca de pessoa; b) associação entre presença da marca e maior escolaridade; c) ausência da marca quase exclusivamente nos casos em que a forma verbal alvo seria palavra proparoxítona; d) bastante semelhança entre as comunidades estudadas quanto ao uso da marca de pessoa. (PIBIC-CNPq)